

O FIM DO MUNDO: MEDO, CONSPIRAÇÃO E ESPERANÇA

Jeffrey Burton Russell*

Resumo

O último dia é terrível, horripilante, um dia de temor infinito, medo e dor. Contudo, é também um dia de misericórdia e, conseqüentemente, de esperança. Do Antigo Oriente Próximo ao século XXI, seu poder de inspirar medo e esperança continua. Este artigo trata das diferenças e semelhanças nas visões de fim de mundo esboçadas principalmente pelo judaísmo e pelo cristianismo. Trata-se de uma abordagem destas concepções pela ótica da história das idéias.

Palavras-chave: Fim dos tempos; julgamento; medo; conspiração; esperança; bem; mal.

Abstract

The last day is terrible, horrifying, a day of infinite dread, fear, and pain. Yet it is also a day of compassion and therefore of hope. From the Ancient Near East to the twenty-first century its power to inspire fear and hope continue. This article deals with differences and similarities in the views of endtime mainly of both Judaism and Christianity. It refers to an approach of these views through the history of the ideas optics.

Keywords: Endtime; judgment; fear; conspiracy; hope; good; evil.

* Professor emérito de História na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, EUA. Tradução do original *The end of the world: fear, conspiracy, and hope* para a língua portuguesa de Elizangela Soares, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). O texto bíblico citado no artigo original é o da *New Revised Standard Version*, do qual o autor modificou a pontuação e, em alguns casos, uma palavra. As citações de Enoque vêm de CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Vol 1. New York: Doubleday, 1983, pp. 5-50.

*Dies irae, dies illa
Solvat saeculum in favilla,
Teste David cum Sibilla.*

...

*Iudex ergo cum sedebit,
Quicquid latet, apparebit;
Nil inultum remanebit.
Quid sum miser tunc dicturus*

...

Salva me, fons pietatis.

...

*Recordare, Iesu pie,
Quod sum causa tuae viae;
Ne me perdas illa die.*

...

*Confutatis maledictis,
Flammis acribus addictis,
Voca me cum benedictis.*

...

*Lacrimosa dies illa,
Qua resurget ex favilla
Iudicandus homo reus.*

O dia da ira, esse dia
Dissolverá o mundo em cinzas,
Como Davi e a Sibila declaram.
Quando o Juiz estiver sentado sobre seu trono
O que quer que tenha sido encoberto será desvelado.
O que eu, miserável como sou, direi então?
Salve-me, Ó Fonte de compaixão.
Recorde, misericordioso Jesus,

Que eu sou o propósito de sua jornada terrena;
Não se livre de mim naquele dia.
Quando os condenados estiverem sendo amaldiçoados
E lançados nas chamas impetuosas,
Chama-me entre os benditos.
Esse dia lacrimoso
No qual o culpado se levantará das cinzas para ser julgado.

O último dia é terrível, horripilante, um dia de temor infinito, medo e dor. Contudo, é também um dia de misericórdia e, conseqüentemente, de esperança. Do Antigo Oriente Próximo ao século XXI, seu poder de inspirar medo e esperança continua. E não é de se estranhar, pois o último dia virá para cada pessoa e nenhum de nós sabe o dia ou a hora. A psicologia do nosso próprio último dia envolve a psicologia do último dia da humanidade. Nenhum adulto que pense pode evitar refletir, pelo menos ocasionalmente, sobre seu momento final.

Mas o grande corpo de pensamento – teológico, filosófico, literário e artístico – que por mais de um milênio produziu tão poderosas imagens não está limitado à reflexão sobre nossas próprias vidas e mortes pessoais. A variedade e a extensão dos significados do último dia nesta longa tradição devem ser captadas antes que o poder do último dia possa ser compreendido. Os termos utilizados para descrever tais idéias eram vagos naquele tempo e permanecem ambíguos, mas para as finalidades deste artigo seu significado é como segue: *Eschaton*: o fim; *Eschata*: as últimas coisas; Escatologia: qualquer discussão ou apresentação do fim dos tempos, tanto mítica como teológica; Apocalipse: uma revelação de segredos sobre o *eschata*, especialmente como no Apocalipse de João (Revelação); Apocalíptica: crença e conduta de acordo com tais revelações sobre o fim dos tempos; Messianismo: a crença de que um governante (o Soshyans iraniano, o Mashiach hebreu, o Christos grego; o Mahdi muçulmano) virá no fim para colocar o mundo em ordem; Milênio: mil anos; milenarismo, milenarismo ou chialismo: a crença de que precisamos nos preparar para a chegada do fim do mundo, que introduzirá o reinado de mil anos de Cristo na terra; *Parousia* (lit. “vinda”): referente à segunda vinda de Cristo (embora os teólogos modernos usem o termo muito mais freqüentemente do que os antigos, a palavra aparece na Bíblia somente em Mateus 24).

O que, então, é a tradição do Fim? No sentido mais óbvio, o fim é a morte física sua, minha e de cada um de nós. No sentido seguinte, é o objetivo final e eterno de cada um de nós. Seus outros sentidos vão além do pessoal. O último dia é percebido também como o fim de toda a raça humana; ou do planeta; ou do universo inteiro; ou de toda a matéria. É o fim do universo físico, do espaço e do tempo, mas não o fim do cosmos, o *kosmos*, o *logos*, do significado e o propósito do universo, que é eterno. De fato, longe de ser seu fim, a grande esperança do último dia é que ele seja a vitória final do cosmos – a ordem correta do mundo – sobre o *chaos*, a desordem ou mal do mundo.

Os significados do “mundo” são ambíguos em toda língua. Na linguagem comum, falamos de “navegar ao redor do mundo” ou de um “mapa mundi”, sugerindo que a palavra *mundo* é equivalente ao *planeta Terra*. Mas o antigo deus Atlas sustenta a esfera dos céus, bem como a da Terra em seus ombros. Muitos dos atlas mundiais mais recentes fornecem, com razão mapas da lua, de Marte, de Vênus e as fotografias e gráficos de outros planetas, estrelas, galáxias e mesmo de todo o universo físico. Assim, novamente o “mundo” está começando a ser compreendido como o “universo” de um modo geral. E esta é a maneira como os antigos filósofos entendiam seu sentido. Quando Aristóteles, Paulo, Aquino ou Lutero consideravam o “fim do mundo,” eles objetivavam um grande *spectrum* de sentido que inclui todos os significados do “mundo”. Escritores cristãos também tencionaram a uma mudança radical no sentido mais profundo do “mundo”: este mundo presente, “este mundo” ou “esta era,” o mundo dos seres humanos, da carne, do pecado, do Diabo, da corrupta sociedade humana será substituído pelo mundo de Deus, a cidade ou o reino dos santos. Este é o sentido escatológico: que o velho mundo, o mundo depravado, decrépito e temporário será destruído e substituído pelo novo mundo, no qual Deus reina com verdade e justiça. A escatologia (o estudo dos eventos que finalizam o mundo) declara que no fim dos tempos o domínio do mal será substituído pelo domínio do bem.

Agora, olhando para a pergunta racionalmente, deve ser verdade que o mundo é essencialmente bom; ou que é essencialmente mal; ou que é um mistura de bem e mal; ou que não é nem bom nem mal, mas um universo sem propósito, sem significado. A última

opção tem sido dificilmente sustentada, exceto entre alguns da elite intelectual que comanda pelos os últimos cem anos, aproximadamente. Esta última opção, se realmente levada a sério, exclui toda discussão, pois é uma opção na qual *kosmos* e *logos*, significado e propósito, ou não existem absolutamente ou podem ser dilatados como sonhos vindos das percepções de cada um de nós. É um mundo no qual nenhuma verdade é possível e, portanto, um mundo no qual seus partidários não têm direito a reivindicar – embora atualmente filósofos predominantes continuem a fazê-lo vociferantemente – que suas próprias perspectivas sejam superiores a quaisquer outras. Esta alternativa é inteiramente estranha à cosmovisão da tradição escatológica e não mais será discutida.

A cosmovisão da tradição escatológica é a de que o mundo é um *kosmos*, que ele tem ordem e significado e que, portanto, o fim dos tempos terá ordem e significado, apesar dos seus horrores. Ainda, existem variações antigas e básicas nesta tradição. O universo sempre teve significado, sempre foi um cosmos? Vários mitos antigos (uso o termo *mito* em seu sentido técnico moderno de uma estória que pretende transmitir significado e não em seu corrente sentido comum de “falsidade”) – mesopotâmios e gregos – assumem um estado inicial a partir do qual Deus ou os deuses formaram o cosmos. Neste ponto de vista, o caos é algo que Deus luta para sujeitar, que resiste a ele sendo, portanto, seu inimigo. É algo mau, ou pelo menos não-bom. Um dos mitos mais comuns do Antigo Oriente Próximo, encontrado em muitas culturas, é o “mito de combate”, a luta das forças da ordem contra as forças da desordem. Este mito supõe uma batalha do caos e seus defensores contra os criadores do cosmos. Por vezes esta é uma luta curta, como em Gênesis, onde o Senhor conclui sua tarefa em seis dias. Às vezes é uma luta muito longa, volta e meia batalhada periódica ou mesmo anualmente; nesta perspectiva, a luta está avançando e ainda não foi vencida. Por exemplo, em Canaã, o deus da fertilidade – Baal – devia lutar continuamente contra Mot, deus da morte e da esterilidade; no Egito, o deus da vida, Osíris, é encerrado numa luta contínua com Set, um deus da morte e da esterilidade. O caos é transformado apenas parcialmente em cosmos e o processo de criação continua. Se esta concepção fosse inteiramente estranha para o cristianismo não haveria necessidade de uma escatologia cristã; porém, que Cristo virá novamente é uma indicação certa de que a obra ainda não foi completada. Uma escola de pensamento tardia, do vigésimo século, conhecida como Teologia do Processo, foi muito longe ao dizer que o próprio Deus está em processo e que não estará completo antes do fim

dos tempos. O significado essencial do mito é o movimento do *chaos* (mal primordial) para o *kosmos* pela intervenção divina e, então, para o arrebatamento aparte do cosmos pelo mal (quer demoníaco ou humano) e, depois, para a destruição do mal por um Messias ou outros meios divinos, culminando finalmente numa restauração do bem primevo (a futura substituição da era maligna por verdade e justiça eternas).

Uma tendência de pensamento similar – comum entre órficos, gnósticos, maniqueus e cataristas – era que o mundo foi criado mal por um poder maligno freqüentemente chamado Diabo e que as forças da luz deviam lutar constantemente contra os poderes das trevas. Este tipo de dualismo extremo, que se originou nos pensamentos grego e iraniano (no orfismo e no mazdaísmo), teve o seu apelo a muitos cristãos, mas foi decisivamente excluído da tradição cristã.

Em oposição, a perspectiva filosófica é a de que o mundo é perfeitamente bom como ele é se nós o entendemos. Esta concepção ganhou pequena força de tração ao longo do tempo, pois ela nos obrigaria a considerar o holocausto dos judeus e os massacres da África Central, sem mencionar um bilhão de crimes menores e horrores que acontecem todos os dias e em todos os lugares, como bem [ou bons]. Se os caminhos divinos são tão inescrutáveis, então não existe denominador comum entre nós mesmos e Deus. Se tortura, estupro e assassinato são parte do plano divino, então ninguém, a não ser criminosos grotescos, está em harmonia com esse plano – que, curiosamente, conduz de volta à idéia de que o mundo deve ser mal.

Um outro ponto de vista é que Deus, sendo bom, criou o mundo bom, mas que algo saiu errado – ou talvez o caos, uma vez tendo sido derrubado pelo cosmos, é revivido por algum terrível desastre, como representado no mito de Adão e Eva no Gênesis. Representando toda a raça humana, por sua desobediência orgulhosa os primeiros pais interrompem o cosmos que Deus tão graciosamente tinha composto. Então uma segunda luta deve acontecer e aqui, na tradição judaico-cristã, o antigo combate entre caos e cosmos fora agora traduzido pela luta entre bem e mal.

O mal, solto no cosmos e, por conseguinte, deformando-o, deve ser combatido e derrotado novamente, dia após dia. Adão e Eva, tendo quebrado o acordo com Deus, introduziram

uma era de pecado, até que Deus deu uma segunda chance à humanidade com as alianças que ele fez com Israel e com os profetas que enviou aos filhos de Israel. Eventualmente ele enviou Cristo para destronar o mal e restaurar o bem no reino de Deus. Mas visto que é claro que o mal persiste no mundo mesmo após a Encarnação, ele chegará a um fim apenas na segunda vinda de Cristo, quando o reino de Deus será estabelecido eternamente com verdade, justiça e misericórdia.

Enquanto isso, contudo, vivemos numa *civitas permixta*, uma cidade, uma sociedade, um mundo no qual o bem e o mal ainda lutam um contra o outro. A prova dessa concepção é vista diariamente nos jornais e na televisão. Ainda, o fim dos tempos acontecerá com a vitória do bem.

Essa é a essência da questão do fim dos tempos ser um tempo de medo ou um tempo de esperança. É um tempo de esperança, porque então verdade e bondade eliminarão mentiras e o mal para sempre (a antiga e persuasiva distinção entre a verdade e a mentira, todavia atenuada em tribunais e governos nos dias de hoje, permanece essencial em qualquer sociedade com pretensões à justiça). Ainda, o fim deve também ser um tempo de medo e, como o hino medieval *Dies irae* ilustra, é o medo que freqüentemente tem capturado a atenção de pensadores cristãos. Quer seja o último dia percebido como um dia literal, quer seja uma metáfora para todos os tempos sob o intento escatológico de Deus, ele é terrível. Os temores não são mínimos: a tradição não oferece nenhuma entrada fácil no céu. Antes do céu vêm tribulações de todo tipo, incluindo guerras, pragas, fome, o Anticristo, a última batalha, o julgamento de cada ser humano e, para aqueles que distanciaram suas vidas de Deus, o inferno. Sempre existem alguns que enfrentam tormentos bravamente a caminho do fim, mas talvez muitos mais para os quais dor e sofrimento parecem demasiado assustadores, um obstáculo para se desejar o Fim com alegria ou mesmo tranqüilidade.

Que quer que o fim do mundo significasse, ele tencionava a *completa* transformação do mundo no espaço e no tempo e a sua substituição por uma nova era de verdade e justiça, uma nova era que não seria apenas uma restauração da bondade original, mas também uma melhoria: uma *reformatio in melius*, uma restauração que seria melhor do que o original. Em

termos judaico-cristãos, o paraíso definitivo será um aperfeiçoamento do paraíso original de Adão e Eva.

A concepção cristã de fim dos tempos deriva diretamente da Bíblica hebraica e dos apócrifos, com influências mais antigas do mito do Antigo Oriente Próximo, dualismo iraniano e do dualismo órfico grego. O Antigo Oriente Próximo tinha muitos mitos de criação, mas poucos mitos escatológicos, sendo a hipótese a de que o mundo, uma vez tendo sido feito, era eterno. A escatologia era principalmente individual, como quando o deus egípcio Anúbis julga cada alma na morte; mas a morte era melhorada por mitos de ressurreição, como quando a Ishtar babilônica desce ao mundo inferior e emerge novamente; ou como quando o Osíris egípcio é rasgado em pedaços, mas é reunido de novo; ou como quando a Perséfone grega desce ao mundo inferior todos os anos no inverno e emerge a cada primavera.

No Irã [antiga Pérsia], contudo, a escatologia do mundo todo surgiu várias centenas de anos antes de Cristo na religião do mazdaísmo (zoroastrismo). Quando inteiramente desenvolvido, o mazdaísmo apresentou uma visão de mundo completamente dualista: não há um deus e nem existem muitos, mas dois: Ahura Mazda (Ohrmazd), o deus da luz e da alegria, e Angra Mainyu (Ahriman), o deus de escuridão e do engano. Estes dois poderes lutam entre si pelo domínio do mundo até que, no fim, o último Soshyans, o Santo definitivo, apareça, Ohrmazd triunfe, o mal seja destruído e o mundo seja purificado na *Frashkart*¹, a restauração da perfeição. Quando o fim vier, haverá um julgamento final no qual os filhos da luz viverão com Ohrmazd em alegria, enquanto os filhos da escuridão perecerão na Casa da Mentira. Este dualismo de dois espíritos guerreiros bem pode ter influenciado a apocalíptica judaica, embora a cronologia e as interações ainda sejam debatidas.

Pode ser neste dualismo espiritual original que a noção de grandes conspirações, tão comum até o presente, tenha se originado. Se você fosse um filho da luz, então você estaria frente a frente com uma grande conspiração mundial encabeçada por Ahriman e apoiada por seus

¹ A transfiguração final da terra, a reabilitação final de toda a existência; literalmente o “tornar excelente”, significando que o mal, em todas as suas formas, está finalmente destruído (nota da tradutora).

seguidores maus. E, é claro, caso fosse um filho da mentira, você seria continuamente frustrado e ultrajado pela conspiração dos justos seguidores do deus da luz, que tencionariam te destruir. Os judeus sempre têm se sentido ameaçados pela grande conspiração dos gentios contra Israel e os gentios lutam contra o suposto poder dos judeus. No cristianismo, a verdadeira fé (definida de qualquer forma) deve defender-se da vasta conspiração de pagãos, judeus, muçulmanos, hereges e bruxas, todos empenhados em frustrar o trabalho salvífico de Cristo. No islamismo, os incrédulos formam uma enorme conspiração contra o profeta, a shar'ia (lei muçulmana) e a verdadeira fé, enquanto que, para os cristãos, os muçulmanos são os temidos incrédulos. Os comunistas lutavam contra a conspiração dos vorazes capitalistas em relação aos trabalhadores, enquanto que o mundo livre² era aterrorizado pela conspiração comunista mundial. Apenas recentemente nos EUA George Bush declarou que “qualquer um que não esteja conosco está contra nós”. É possível formular escatologias não-dualistas, como no budismo ou no liberalismo secular moderno, por exemplo, mas dualismo em um ou outro grau prevalece nas religiões ocidentais e suas descendências seculares. Ele tem a grande vantagem de reconhecer – o que é óbvio para qualquer um que não tenha sido convencido a descrever – que o verdadeiro mal, o mal radical, existe no mundo. Mas também tem a grande desvantagem de empurrar pessoas para estereótipos que podem, então, serem estigmatizados como bons ou maus, promovendo, desta forma, fantasias paranóicas, estimulando ódio e favorecendo guerras – todas das quais existiriam sem o dualismo, mas que são pioradas por ele.

As contribuições da Grécia antiga para a formação da escatologia judaico-cristã foram mais indiretas, apesar de, no final das contas, terem sido de grande importância, sendo a maior delas a idéia filosófica grega de *logos*, razão, que eventualmente fez possível a teologia judaica, cristã e (por um tempo na Idade Média) a teologia muçulmana. Explicações pelo mito (estória) e por metáfora persistiam, mas elas eram agora contestadas e refinadas pelo uso da razão, especialmente pela lógica. Por outro lado, os gregos e romanos tinham uma escatologia muito pequena: para eles o mundo era eterno, cíclico, sem começo nem fim, como quando a *Eneida* de Vergílio (1278-1279) declara do povo romano: *His ego nec metas rerum nec tempora pono; imperium sine fñe dedi*: “para os romanos eu não coloquei limites no

² *Free world*: designação para aqueles países governados pelos sistemas democrático e capitalista, em oposição ao sistema comunista (nota da tradutora).

tempo ou espaço, mas tenho concedido a eles um império infinito”. Embora os gregos tenham uma reivindicação de terem fundado a história com seus grandes escritores Heródoto e Tucídides, até o cristão Santo Agostinho não foi apresentada uma descrição racional da mudança através do tempo, dos começos aos fins, que um senso histórico completo desenvolveu. Quanto à luta entre bem e mal, como os antigos egípcios e os modernos hindus, os gregos visualizavam o mundo como uma mistura onde os dois são inseparáveis. Este monismo, em oposição ao dualismo persa, percebe humanos – e mesmo os deuses – como misturas e freqüentemente os mostra como “*doublets*”: no Egito, por exemplo, o “bom” deus Hórus às vezes era mostrado sendo um com o “mau” deus Set e a deusa do cultivo, Hathor, é também Sekhmet, a devoradora deusa da destruição; na Índia, Vishnu cria e destrói; na Grécia, Apolo não é apenas o deus sol, mas o destruidor, enquanto Artemis é tanto protetora das bestas quanto a deusa da caça; ela é também tanto a deusa da virgindade quanto a do nascimento. Este monismo é freqüentemente encontrado mais além, como com o deus centro-americano Quetzalcoatl, que traz tanto a vida como a morte, tanto a geração como a decadência.

Mas havia uma tendência de pensamento dualista na Grécia que foi contra este monismo: o culto de Dionísio, que estava relacionado a um vago conjunto de idéias conhecido “órfico”. Tais idéias, apesar de sua mitologia lúrida e complexa, estavam presentes pelo sexto século aEC e influenciaram os filósofos. A mitologia básica é que Zeus pariu um filho, Dionísio, a quem os Titãs (os poderes malignos da terra e do mundo inferior) rasgam e devoram. Zeus, entretanto, é capaz de salvar o coração do garoto e de comê-lo, permitindo-o gerar Dionísio novamente. Depois, em vingança, Zeus destrói os Titãs, reduzindo-os (e à criança que eles tinham devorado) a cinzas, das quais eventualmente aparece a raça humana. A raça humana, então, tinha em si tanto o mal titânico quanto o bem de Dionísio. A idéia do mito é demonstrar a luta universal entre o poder do bem e o poder do mal, mas à diferença dos iranianos que postulavam uma guerra entre dois espíritos, os dionisianos defendiam uma batalha entre espírito (o bem) e matéria (o mal). O propósito da vida é liberta-se da matéria que nos ata ao mal e, então, devolver a humanidade a alguma unidade original, instintiva. Este dualismo espírito-matéria influenciou os platonistas, que pensaram nos termos de uma dicotomia mente-corpo. Mais diretamente importante para a escatologia, ele influenciou os essênios hebreus e os escritores hebreus pré-cristãos tardios, especialmente aqueles dos

apócrifos e pseudepígrafos, de forma que no tempo de Cristo a escatologia era comum em muito do pensamento judaico, inclusive entre aqueles judeus que escolheram seguir a Cristo. Uma vez o sendo cristianismo difundido entre os gentios, estas idéias apocalípticas hebraicas e dualistas foram reforçadas nele pelo dualismo grego. As interconexões de todos estes dualismos são múltiplas e muitas vezes obscuras, de maneira que nenhuma linha de causa-efeito cronológica pode ser extraída delas; é suficiente dizer que pelo começo da era cristã elas eram comuns.

A religião hebraica, especialmente a Bíblia hebraica (Antigo Testamento), foi de longe a maior influência sobre o cristianismo. De fato, alguns historiadores plausivelmente descrevem o crescimento de duas diferentes seitas judaicas – os cristãos e os fariseus – no primeiro século EC, uma concepção que ajuda a entender muitos pontos. Primeiramente, ela torna claro que o cristianismo é, como o farisaísmo (que se desenvolveu dentro do judaísmo rabínico), uma religião judaica; em segundo lugar, ela nos ajuda a entender o aparente anti-semitismo encontrado no Novo Testamento. A raiva dos seguidores de Jesus estava direcionada aos fariseus e eles usavam (historicamente de forma fatalista) o termo genérico “judeus” para os fariseus. Os cristãos primitivos, sendo eles mesmos judeus, não poderiam ser anti-semitas ou mesmo anti-judeus; eles eram anti-fariseus e a antipatia era mútua, como indicado pela expulsão dos seguidores de Jesus das sinagogas pelos fariseus em 90 EC. Esforços modernos estão sendo feitos para trazer as grandes religiões abraâmicas mais para perto, mas esse é tema para um artigo diferente. Aqui as visões apocalíptica, messiânica, ressurreição e escatológica da religião hebraica tardia são o ponto.

O mais antigo livro apocalíptico profundo no Antigo Testamento é o Livro de Daniel (estimativas de suas datas estendem-se do sexto século aEC ao segundo século EC). A influência iraniana sobre Daniel é dúbia e geralmente é concordado pelos estudiosos que a inspiração e justificativa para Daniel e para os apócrifos e pseudepígrafos tardios e não-canônicos repousa principalmente nos antigos profetas. As origens do apocalipsismo na religião hebraica são nativas do pensamento hebraico, contudo muito dualismo entrou nos trabalhos posteriores, de 150 aEC a 100 EC.

A base sustentadora da apocalíptica hebraica é a compreensão hebraica de história. Se Santo Agostinho desenvolveu a compreensão histórica de forma completa no quarto século EC, o modelo que ele usou foi aquele do entendimento hebraico, segundo o qual o tempo se move para frente, de uma maneira significativa, de um ponto A para um ponto B. Conservando a criação original do cosmos, os hebreus mediam o tempo de acordo com uma série de eras. No começo, Deus criou Adão e Eva, que decidiram seguir sua própria vontade ao invés da vontade de Deus. Seu pecado iniciou um período de alienação que terminou com Deus destruindo a humanidade, deixando apenas um remanescente sob Noé, com quem fez uma aliança arco-íris. Mas novamente a humanidade fracassou ao cultuá-lo adequadamente, necessitando da aliança com Abraão, Isaque e Jacó. Mesmo assim falhamos novamente, então Deus nos enviou ao exílio na Terra do Egito. Ali ele nos enviou seu profeta Moisés, sob cujos sucessores os israelitas conquistaram o território que no século vinte e um é conhecido como Palestina ou Israel. Mas outra vez o povo falhou, então Deus o puniu com ataques de impérios hostis, ataques culminando primeiro na conquista do Reino de Israel pelos assírios no oitavo século e, então, na conquista do Reino de Judá pelos caldeus (babilônios) no sexto século. A conquista de Judá teve terríveis conseqüências, sobretudo a destruição do Primeiro Templo (o centro da adoração israelita) e a deportação de um grande número de israelitas, especialmente seus líderes, para a Mesopotâmia. Este período, conhecido como o Cativo Babilônico, produziu muitos dos livros do Antigo Testamento nas suas formas comumente aceitas. Tendo conquistado os caldeus, Ciro o Grande, rei da Pérsia, devolveu Jerusalém aos israelitas e os ajudou a reconstruir o Templo (o Segundo Templo). Mas mesmo assim, outra vez os judeus foram atacados pelos impérios malignos dos gregos, sírios e romanos, que profanaram o Templo. Seguindo a revolta inútil de 69-70 EC contra os romanos, o Terceiro Templo (que os romanos permitiram ao rei Herodes construir) foi destruído e a maioria dos judeus foi ainda para um outro exílio, a Diáspora, que permanece até hoje. O sentido de exílio, tribulação e culpa permeou o judaísmo do primeiro século em diante. Para os judeus, o exílio é simplesmente errado e deve de alguma forma ser superado, ou pela ressurreição dos judeus em Jerusalém e a restauração do Templo, ou pela vinda de um Messias que ocasionaria este fim, ou pelo sionismo (desde o décimo nono século), que tenciona reocupar a antiga terra de Israel. O sionismo, envolvendo uma forma de progresso secular, é uma despedida do judaísmo tradicional que via o fim dos tempos como um evento sobrenatural que restauraria a verdade, a justiça, a retidão e o

Templo. Este fim dos tempos é o Ponto B último, de modo que todo o processo desde a criação ao fim do mundo tem propósito e significado intrínsecos.

O judaísmo foi a primeira religião a tomar tempo e história seriamente e sua tolerância é em grande parte devida ao seu comprometimento com o significado, o princípio e o fim, de Israel e da humanidade em geral. A história é uma história de criação do amor, pecado, dor, punição e restauração. Não é de se estranhar que os últimos dias sejam vistos como atemorizantes e alegres.

Originalmente o Dia do Senhor era um dia de vitória e de regozijo pela entronização do Rei de Israel (ou Judá) como o representante do Senhor. Para os profetas do oitavo século, ele se tornou a marca do apocalipsismo. Isaías declara que “o dia do Senhor está perto; ele virá como destruição do Todo-Poderoso! Então todas as mãos estarão débeis, e todo coração humano se derreterá, e eles estarão apavorados. Sofrimento e agonia se apoderarão deles... Veja, o dia do Senhor vem, cruel, com ira e fúria feroz, para fazer da terra uma desolação e para exterminar seus pecadores dela... Eu punirei o mundo por sua maldade e os maus por sua iniquidade; eu colocarei um fim ao orgulho dos arrogantes e silenciarei a insolência dos tiranos... Eu farei os céus estremecerem e a terra será sacudida de seu lugar, no furor do Senhor dos Exércitos no dia de sua ira feroz” (Is 13.6-13). “Pois o Senhor virá no fogo e suas carruagens como redemoinhos para restituir sua ira em fúria e sua repreensão em chamas de fogo. Pois pelo fogo o Senhor executará seu julgamento” (Is 66.15-16; cf. Is 27).

O julgamento está conectado com o Dia do Senhor. Naquele Dia, Deus virá e salvará os justos, que reinarão sobre a terra. Deus julga indivíduos e povos: “O Senhor julga os povos; julga-me, Senhor, de acordo com a minha retidão e de acordo com a integridade que está em mim. Ó, deixa o mal dos ímpios vir ao fim, mas estabeleça os justos” (Sl 7.8-9; cf. Sl 96.10-13; 98.9). “Tens mantido minha causa justa; sentaste em teu trono dando justo julgamento. Tens reprimido as nações, destruído os ímpios; tens apagado seus nomes para todo o sempre... Mas o Senhor se assenta entronizado para sempre; ele estabeleceu seu trono para julgamento. Ele julga o mundo com justiça; ele julga os povos com equidade” (Sl 9.4-8). “Levanta-te, ó Deus, julgue a terra; pois todas as nações pertencem a ti” (Sl 82.8). Tanto seres humanos quanto anjos estão sujeitos ao julgamento: “Naquele dia o Senhor punirá as

hostes do céu no céu e sobre a terra os reis da terra” (Is 24.21). “Quem fugir ao som do terror cairá na cova” (Is 24.18). “Pois o dia do Senhor está perto no vale da decisão... Eu não limparei a culpa, pois o Senhor habita em Sião” (Joel 4.14-21). “Eu te julgarei, ó casa de Israel, todos vós de acordo com os vossos caminhos” (Ez 18.30; cf. Ez 33.20). “Deus julgará os justos e os ímpios, pois ele fixou um tempo para cada propósito e para cada ato” (Ec 3.17).

O julgamento é acompanhado pela salvação dos justos – aqueles que permaneceram fiéis à Aliança. “A luz amanhece para os justos e a alegria para os retos de coração” (Sl 97.11). “Pois o necessitado não será sempre esquecido, nem a esperança do pobre perecerá para sempre” (Sl 9.18). “Certamente há uma recompensa para os justos; certamente há um Deus que julga o pobre e decide com equidade pelos mansos da terra” (Is 11.4). “Será dito naquele dia: Veja! Este é o nosso Deus; nós temos esperado por ele, de maneira que ele pode nos salvar. Este é o Senhor por quem temos esperado; deixa que nos alegremos e nos regozijemos na sua salvação” (Is 25.9). “Naquele dia haveis de cantar a vinha graciosa... Israel brotará e produzirá ramos e saciará o mundo todo com frutos” (Is 27.2-6). “Naquele dia as montanhas gotejarão vinho doce e as colinas escorrerão com leite” (Joel 4.18). Mesmo os gentios poderão ser salvos: “E os estrangeiros que se unirem ao Senhor... estes eu trarei para o meu santo monte e os farei alegres em minha casa de oração” (Is 56.6-7).

A salvação dos justos é acompanhada por ressurreição. “Seus mortos viverão, seus cadáveres se levantarão. Ó habitantes do pó, despertem e cantem de alegria” (Is 26.19). “E naquele dia, uma grande trombeta será soprada e aqueles que estavam perdidos na terra da Assíria e aqueles que foram expulsos para a terra do Egito virão e adorarão ao Senhor no monte santo em Jerusalém” (Is 27.13). O Senhor guia Ezequiel ao vale de ossos secos e o instrui a profetizar para eles: “Assim diz o Senhor a estes ossos: eu farei carne entrar em vós e vivereis... E os ossos se juntaram, osso ao seu osso. E quanto ao espírito, diz Deus, venha dos quatro ventos, ó fôlego, e sopra sobre estes mortos que podem viver... E o fôlego veio a eles e eles viveram e se colocaram sobre seus pés, uma grande multidão” (Ez 37.1-10). Tais textos indicam que a idéia de ressurreição dos mortos já existe muito antes do segundo século aEC, para cujo tempo a maioria dos estudiosos a tem remetido.

A justiça será restaurada. “Levanta, brilha, pois tua luz tem chegado e a glória do Senhor se levantou sobre ti... O Senhor se levantará sobre ti e sua glória aparecerá sobre ti... O Senhor será tua luz eterna e teu Deus será tua glória... Em tempo próprio eu cumprirei isto rapidamente” (Is 60.1-22). “Pois eu estou preste a criar novos céus e nova terra... Alegrem-se e regozijem-se para sempre no que estou criando; pois estou preste a criar Jerusalém como um gozo e seu povo como um deleite” (Is 65.17-18). “Regozija-te com Jerusalém e alegra-te por ela... Pois como os novos céus e a nova terra que farei permanecerão diante de mim, diz o Senhor, também vossos descendentes e vosso nome permanecerão” (Is 66.10-22).

O Livro de Daniel, o livro mais apocalíptico no Antigo Testamento, embora inteiramente dentro de sua tradição, pode ser tratado separadamente dos outros. Daniel (cap. 2), interpretando o sonho de Nabucodonosor sobre os quatro reinos, estabelece uma das muitas sucessões apocalípticas de eras (embora sete, correspondendo aos sete dias da Criação, tenha se tornado mais comum que quatro). Quatro impérios perversos governarão sobre a terra, mas serão destruídos e substituídos por uma quinta monarquia dominada pelo Altíssimo. A idéia de um Messias (*Mashiach*: “rei”) por vir estava agora bem estabelecida no pensamento judaico. Daniel diz que quatro bestas aparecerão nos últimos dias e que seus poderes malignos serão destruídos pelo Senhor – uma outra imagem a ser utilizada na Revelação neotestamentária ou Apocalipse de João (Dn 7). A quarta besta, particularmente poderosa, foi tomada no Apocalipse posterior para representar o Diabo ou, para os cristãos, o Anticristo. Ela “devorará toda a terra e a pisoteará e a quebrará em pedaços... Ela falará palavras contra o Altíssimo... Então a corte se sentará em julgamento e seu domínio será tirado para ser consumido e totalmente destruído. A realeza e o domínio... serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; seu reino será um reino eterno” (Dn 7.23-27). Daniel teve uma outra visão na qual um anjo conta a ele “o que acontecerá posteriormente no período de ira; pois ela [a visão] se refere ao tempo fixado do fim” (Dn 8.17-18). Quatro reinos se levantarão e, então, no fim, um outro “rei de semblante destemido se levantará, hábil em intriga. Ele crescerá forte em poder, causará terrível destruição e terá sucesso naquilo que faz. Ele destruirá os poderosos e o povo dos santos. Por sua perspicácia ele fará o engano prosperar sob sua mão e em sua própria mente ele será grande. Sem aviso ele destruirá a muitos e se levantará até mesmo contra o Príncipe dos príncipes, mas ele será quebrado e não por mãos humanas” (Dn 8.23-25). Esta figura também seria interpretada pelos cristãos

como o Diabo ou como o Anticristo, o servo do Diabo. Mesmo os sábios no ultimo dia “cairão por espada e fogo e sofrerão cativo e saque” (Dn 11.33). Mas então, “Miguel, o grande príncipe, o protetor de nosso povo, se levantará. Haverá um tempo de angústia, tal como nunca houve desde que as nações pela primeira vez vieram à existência. Mas naquele tempo nosso povo será livrado, cada um que for encontrado escrito no livro. Muitos daqueles que dormem no pó da terra despertarão, alguns para a vida eterna e alguns para vergonha e desprezo eternos. Aqueles que são sábios brilharão como o esplendor do firmamento e aqueles que levam muitos à justiça como as estrelas para todo o sempre” (Dn 12.1-3).

Daniel teve uma visão do escolhido por vir: “Eu vi um como um homem vindo com as nuvens do céu... A ele foram dados domínio e glória e majestade... Seu domínio é um domínio eterno que não passará e sua realeza jamais será destruída... Os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para sempre” (Dn 7.13-18). Aqui estão os motivos do Livro da Vida, no qual os nomes dos salvos estão inscritos, bem como uma clara indicação de ressurreição.

Daniel também menciona, embora com falta de clareza, uma abominação da desolação (Dn 12.11), uma frase a ser, mais tarde, freqüentemente usada por cristãos. A ênfase na apocalíptica se tornou muito maior no pensamento hebraico do segundo século aEC em diante e continuou tanto no judaísmo como no cristianismo. Os resultados de tais visões apocalípticas são duplos: elas oferecem esperança, coragem e alegria para aqueles que amam ao Senhor; elas oferecem ruína e destruição para os que não o amam. Esta dicotomia é verdadeira para indivíduos e nações, para seres humanos e anjos. A idéia de que o mal está solto e que está chegando em breve para uma cabeça em um dia (ou período), quando deveremos passar por grande tentação e sofrimento nas mãos dos malfeitores, tem muitas vezes promovido um terror de conspiração e, na pior das hipóteses, uma demonização de pessoas e nações (e cosmovisões). Assim, a apocalíptica, como explosivos, é algo a ser manuseado muito cuidadosamente.

Motivos apocalípticos foram bastante desenvolvidos nos apócrifos (“livros ocultos”) e pseudepigráficos (livros escritos sob o nome de antigos profetas) judaicos não-canônicos. O

Primeiro Livro de Enoque, supostamente uma visão pelo patriarca Enoque mencionado em Gênesis 5.24 foi, na verdade, escrito em algum ano entre 160 aEC e 100 EC, período que também produziu as visões apocalípticas de Daniel no Antigo Testamento e as de João no Novo. O Pseudo-Enoque apresenta a visão típica e ambivalente do fim dos tempos: horrores seguidos por resolução e restauração. Mas desde o começo enfatiza o bem último. “Eu falo sobre os eleitos... O Deus do universo, o Grande Santo, sairá do esconderijo de sua morada... E haverá um julgamento sobre todos, (inclusive) os justos. E para todos os justos ele concederá paz. Ele preservará os eleitos e a bondade estará sobre eles. Todos pertencerão a Deus, todos prosperarão e serão benditos; e a luz de Deus brilhará para eles” (En 1.3-9). No fim dos tempos, as forças de Azaz’el ou Semyaza (anjos do Diabo) serão amarradas sobre a terra por setenta gerações; então anjos e seres humanos maus serão mergulhados “no fundo do fogo – e em tormento” para sempre (En 10.12-14), mas também “naqueles dias eu abrirei os depósitos de bênção... E paz e verdade se tornarão companheiras em todos os dias do mundo e em todas as gerações do mundo” (En 11.1-2).

[Naquele último] dia meu Eleito se sentará no lugar de glória e fará uma seleção dos feitos deles... suas almas estarão firmes dentro deles quando eles verem meu Eleito, aquele que tem invocado meu glorioso nome. Naquele dia eu motivarei meu Eleito a habitar entre eles; eu transformarei o céu e o farei uma bênção de luz para sempre. Eu transformarei a terra e a farei uma bênção e motivarei meu Eleito a habitar nela... Mas pecadores têm de vir diante de mim, de maneira que pelo julgamento eu os destruirei da face da terra (En 45.3-6).

Enoque antevê a ressurreição: “Naqueles dias, [o mundo dos mortos] devolverá todos os depósitos que recebeu e o inferno devolverá todos aqueles que ele deve. E [o Eleito] escolherá os justos e os santos entre [os ressuscitados], pois o dia quando eles serão eleitos e salvos chegou. Naqueles dias, [o Eleito] se sentará sobre meu trono... E a terra se regozijará; e os justos habitarão sobre ela e os eleitos caminharão sobre ela” (En 51.1-5). “Os eleitos [estarão] na luz da vida eterna que não tem fim e os dias da vida dos santos não podem ser numerados... Haverá uma luz que não tem fim e eles não terão (mais) que contar dias. Pois... a luz será permanente diante do Senhor dos Espíritos” (En 58.3-6). As visões do Pseudo-Enoque sobre o fim seguem pelo livro, revelando um sentido de Dia do Senhor, de Eleito (o

Messias), de julgamento, de condenação dos ímpios e alegria dos justos, de ressurreição e de renovação última dos céus e da terra. Tais motivos foram essenciais na transformação da escatologia cristã primitiva.

O cristianismo não é essencialmente uma religião escatológica (como alguns estudiosos do vigésimo século acreditavam), mas a escatologia certamente é central para ele. A humanidade como um todo sofre a Paixão de Cristo: a história da humanidade é repulsiva, horrível e mortífera – mas no fim existe um novo mundo, um mundo sem sofrimento e dor. Este artigo trata o cristianismo do primeiro século como um todo; ele não está preocupado com qual das epístolas paulinas é do próprio Paulo, ou como os Evangelhos concordam ou não concordam, ou se as palavras e ações de Jesus são “acuradamente” relatadas. Ao invés, o ponto é o que os cristãos do primeiro século transmitiram à comunidade cristã do segundo século em diante. O judaísmo e o cristianismo do primeiro século testemunharam um número de eventos fundantes que fixariam o padrão de escatologia por milhares de anos: a vinda de Cristo, a destruição do Terceiro Templo em 70 EC depois da rebelião falida contra o Império Romano, o (até agora desconectado) rompimento entre a comunidade judaico-cristã e a comunidade judaico-rabínica e o crescente senso de que estes eventos pressagiavam um fim para o mundo que viria em breve...

Nos últimos séculos aEC, a religião hebraica, sob a pressão de impérios perversos, esperou de forma progressiva a vinda do Messias, o qual derrotaria os impérios e restauraria Israel com verdade e justiça. Para seus seguidores, Jesus era “o Messias nomeado para vós” (At 3.20). O significado último do fim é que o mundo será transformado, feito novamente, e que a antiga ordem, a antiga era de mal e corrupção, será substituída, “desordenada” do mal para o bem. O advento terreno de Jesus anuncia justamente tal transformação. Com Jesus, a antiga ordem – o mundo no sentido da sociedade humana – já está experimentando o processo de destruição e reconstrução; neste sentido, Jesus traz consigo o começo do *eschata*. Elizabeth [Isabel] exclama para Maria “bendita seja ela que creu que haveria uma realização do que lhe foi dito pelo Senhor”, e Maria replica com o *Magnificat*, que inclui poderosas promessas revolucionárias: “[O Senhor] espalhou o orgulho nos pensamentos dos seus corações. Ele abaixou os poderosos de seus tronos e elevou os humildes; ele saciou os famintos com coisas boas e despediu os ricos vazios” (Lc 1.45-53). E no “Sermão da

Montanha”, Jesus promete que “benditos são os pobres no espírito, pois deles é o reino dos céus. Benditos são aqueles que estão de luto, porque serão confortados. Benditos são os mansos, porque eles herdarão a terra. Benditos são aqueles famintos e sedentos por justiça, porque serão saciados. Benditos são os misericordiosos, porque eles receberão misericórdia. Benditos os puros no coração, porque eles verão a Deus. Benditos são os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus. Benditos aqueles que são perseguidos pela segurança da justiça, porque deles é o reino do céu” (Mt 5.3-10). Este é o começo da escatologia pura neste mundo: toda a estrutura de sucesso através de riqueza, fama e poder será destruída e substituída por uma estrutura de amor e paz. O caminho já está apresentado e sua meta é o *eschata* literal, as últimas coisas literais que virão no fim dos tempos, “naquele dia”.

Quando é esse dia? “Não sabeis o dia nem a hora” (Mt 25.13; cf. At 1.7). Mas é em breve: “De ora em diante vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poder e vindo sobre as nuvens do céu” (Mt 26.64; cf. Mc 14.32), e será repentino e radical: “E vos digo, naquela noite haverá dois numa cama; um será levado e o outro deixado. Haverá duas mulheres estarão moendo a refeição juntas; uma será levada e a outra será deixada” (Lc 17.34-35). “Eis que venho em breve; minha recompensa está comigo, para retribuir de acordo com o trabalho de cada um” (Ap 22.12). O Dia do Senhor anuncia a libertação do cosmos, mas será um dia apavorante para todos e, para aqueles devotados ao mal, este é o dia de sua destruição. É o dia da cólera contra a antiga ordem, a ordem de Satanás e a era da riqueza e poder terrenos. “Bendito é o que vem em nome do Senhor” (Mc 11.9), mas para aqueles que não vêm, “com seu coração duro e impenitente estão acumulando ira para si mesmos no dia da ira, quando o justo julgamento de Deus será revelado” (Rm 2.5). Os horrores do Dia são particularmente manifestados no Apocalipse de João: “caiam sobre nós e nos escondam da face daquele que está sentado no trono e da ira do Cordeiro, pois o grande dia da sua ira chegou, e quem poderá ficar de pé?” (Ap 6.16-17); “ai, ai dos habitantes da terra” (Ap 8.13).

O terror do Dia é especialmente o julgamento que ele traz sobre todos nós (o cristianismo é chamado “muleta” apenas por aqueles que não entendem as dores da morte do Filho de Deus ou o horror do julgamento divino). “Quando o Filho do Homem vier em sua glória e todos os anjos com ele... todas as nações serão reunidas diante dele e ele separará pessoas

umas das outras como um pastor separa as ovelhas dos bodes” (Mt 25.31-32). Cristo dirá: “afastai-vos de mim, todos vós malfeitores! Haverá choro e ranger de dentes quando virdes Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, e vós mesmos lançados fora” (Lc 13.27-28). “Ele retribuirá de acordo com os feitos de cada um... [para aqueles que amam a Deus e ao bem] ele dará vida eterna; enquanto que para aqueles que são egoístas e que não obedecem à verdade, mas à maldade, haverá ira e fúria” (Rm 6-8). “E vi os mortos, grandes e pequenos, de pé diante do trono... E os mortos foram julgados de acordo com suas obras” (Ap 20.12). Cristo é o juiz “dos vivos e dos mortos” (2 Tm 4.1). “As nações se enfureceram, mas sua ira chegou e o tempo para o julgamento dos mortos, para recompensar seus servos, os profetas, os santos e todos os que temem seu nome, pequenos e grandes, e para destruir aqueles que destroem a terra” (Ap 11.18). O julgamento recai sobre anjos, bem como sobre seres humanos: “E os anjos que não mantiveram sua própria posição, mas deixaram suas habitações próprias, ele tem mantido em cadeias eternas nas mais profundas trevas para o julgamento do grande Dia” (Judas 6). “Pois a nossa luta não é contra inimigos de sangue e carne, mas contra os dominadores, contra as autoridades, contra os poderes cósmicos destas trevas presentes, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Ef 6.12). “Os céus e a terra atuais foram reservados para o fogo, sendo mantidos até o dia do julgamento e destruição dos ímpios” (2 Pe 3.7).

Destes e de outros textos do Novo Testamento os cristãos derivariam a idéia de dois julgamentos: o “Julgamento Particular” ou pessoal de cada indivíduo no tempo da morte e o “Julgamento Geral” ou Último sobre indivíduos, comunidades e toda a raça humana. O Novo Testamento não é tímido ao expressar o destino daqueles cujas vidas não foram justificadas. “Os anjos... separarão os maus dos justos e os lançarão na fornalha de fogo, onde haverá choro e ranger de dentes” (Mt 13.49-50; cf. Mt 22.13; 25.30). “Vós que sois malditos, apartai-vos de mim para o fogo eterno preparado para o Diabo e seus anjos... Estes irão para punição eterna, mas os justos para a vida eterna” (Mt 25.41; cf. Ap 20.10). De fato, a própria morte possui dois significados: a morte física, que significa a separação temporária entre corpo e espírito, e a infinitamente mais apavorante morte espiritual, que destrói o mal e bane aqueles que o seguem da presença de Deus para todo o sempre (teólogos tradicionais distinguem entre “alma”, o ser humano completo em espírito e corpo, e “espírito”, a parte não-material da alma). A idéia de duas mortes é frequente no cristianismo primitivo – a

morte do corpo e, no fim dos tempos, a morte da alma má: “Quanto [aos malfeitores], seu lugar será no lago que arde com fogo e enxofre, que é a segunda morte” (Ap 21.8).

A luta progressiva do mal contra o bem é epitomizada e concluída por batalhas entre Cristo e Satanás, pois Satanás é o originador do mal e o líder de todos os malfeitores. Muitas vezes o adversário de Cristo nestas batalhas é o Anticristo (um ser humano ou um conjunto de seres humanos), que conduzirá os exércitos de Satanás na Guerra Final. Como Cristo faz a vontade do Pai, assim o Anticristo faz a vontade de seu pai, o Diabo. “Muitos falsos profetas se levantarão e levarão muitos para fora do caminho” (Mt 24.11). “Filhos, esta é a última hora! Como tendes ouvido que o anticristo está chegando, também agora muitos anticristos têm vindo” (1 Jo 2.18); “todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus. E este é o espírito do anticristo, do qual tendes ouvido que está chegando, e que agora já está no mundo” (1 Jo 4.3).

A Encarnação de Deus em Cristo é necessária para sujeitar estes poderes: “Aqueles que não confessam que Jesus Cristo veio em carne; qualquer semelhante pessoa é o enganador e o anticristo” (2 Jo 7). O “Dia não virá a menos que a rebelião venha primeiro e o fora da lei seja revelado, aquele destinado à destruição... A vinda do fora da lei está aparente nos trabalhos de Satanás” (2 Ts 2.3,9). A identificação não apenas de pecadores, mas também de incrédulos como anticristo ou seguidores de Satanás teve o efeito não-salutar de encorajar povos a pensarem de seus confrontos com outros como confrontos entre nós (os justos) e eles (os diabólicos). A antiga crença hebraica na luta de Israel contra impérios malignos foi continuada na luta cristã, primeiro contra o perverso Império de Roma e, então, depois de Roma ter se convertido ao cristianismo, contra os outros reinos perversos e impérios deste mundo.

O Apocalipse de João é a expressão mais vívida da guerra entre Cristo e Satanás; as muitas bestas que ele retrata são representativas das forças do Diabo, especificando que a maior das bestas tinha “o número de uma pessoa. Seu número é 666” (Ap 13.17-18). Nenhuma passagem bíblica teve efeito sobre a escatologia na mesma medida que o começo de Apocalipse 20:

Então eu vi um anjo descendo dos céus, trazendo em suas mãos a chave para o abismo e uma grande corrente. Ele amarrou o dragão, aquela antiga serpente que é o Diabo e Satanás, e acorrentou-o por mil anos e o atirou dentro do abismo, fechando-o e selando-o, de maneira que não mais enganaria as nações até que os mil anos fossem terminados. Depois disso, ele deve ser solto por pouco tempo” (Ap 20.1-3; cf. Ap 20.4-7).

Esta passagem complicou a escatologia cristã primitiva e conduziu a uma enorme variedade de expectativas milenaristas, muitas das quais ainda persistem: Cristo tem de vir duas vezes para colocar um ponto final ao mal? Reina o Diabo por mil anos ou governa Cristo por mil anos? Ou as duas coisas? Ou o que? Este artigo pode apenas sugerir uma partícula nesta estranha, diversa, porém rica tradição.

Ligados à Última Batalha estão os tempos de tribulação que encapsulam todas as dores do mundo e que devem ocorrer antes que Cristo possa vir novamente. Em uma passagem por vezes chamada “o pequeno apocalipse” e que soma a dor e a vitória do fim dos tempos, Jesus diz:

E haveis de ouvir sobre guerras e rumores de guerras. Cuidado para não vos alarmardes. É preciso que aconteça, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome e terremotos em todos os lugares. Tudo isso será o princípio das dores. Nesse tempo vos entregarão à tribulação e vos matarão e sereis odiados de todos os povos por causa do meu nome... Quando, portanto, virdes a abominação da desolação de que fala o profeta Daniel instalada no lugar santo... então os que estiverem na Judéia fujam para as montanhas, aquele que estiver no terraço, não desça para apanhar as coisas da sua casa e aquele que estiver no campo não volte atrás para apanhar as suas vestes... Pois naquele tempo haverá uma grande tribulação tal como não houve desde o princípio do mundo até agora... Logo após a tribulação daqueles dias... aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem... e [as nações] verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. E ele enviará seus anjos que, ao som da grande trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos (Mt 24.6-31; cf. Mc 13.3-37).

O Livro do Apocalipse apresenta os sofrimentos do fim dos tempos em termos aterrorizantes, descrevendo pragas, fome, sangue, trevas, fogo e sofrimento, a agonia completa a terminar na batalha do Armageddon ou Armagedom (Ap 14.19; 15.16). Na verdade, toda a visão apocalíptica de João é uma metáfora ampliada para os últimos dias, embora muito de sua importância histórica esteja baseada em entendimentos claros (“literais”) do texto como profetizador de uma história futura, movimentando, assim, uma especulação sem fim, do primeiro ao vigésimo primeiro século, de que personagens ou nações realmente *são* as bestas malignas descritas no livro. Ademais, as imagens em tons variados apresentadas em Apocalipse – as trombetas, os tronos, as túnicas brancas, as coroas douradas, as sete tochas, os sete selos do rolo, as quatro bestas, os quatro anjos ou “cavaleiros”, a guerra no céu entre (o arcanjo) Miguel e o “grande dragão” e “antiga serpente, que é chamada o Diabo, Satanás”, a besta do mar, a besta da terra, a marca da besta, as sete taças da ira, a grande prostituta e Babilônia, “a mãe das meretrizes”, as pedras preciosas e o ouro da cidade celestial, o trono do Cordeiro debaixo do qual flui a água da vida e muitos outros motivos – repousaram profundamente na consciência cristã e se expressaram freqüente e poderosamente em trabalhos de arte e literatura (Ap 4-5; 8; 12-14; 16-17; 20-22). E embora o livro seja ultimamente um livro de esperança, terminando com palavras atribuídas a Jesus, “certamente venho em breve” (Ap 22.20), são as imagens luridamente assustadoras dos últimos dias que foram expressas com mais freqüência.

Estas dores serão banidas pela segunda vinda de Cristo, que livrará a cada um de nós, Israel e todo o mundo do mal. Da mesma forma que o próprio Cristo sofreu e depois se levantou dos mortos, também todos os seres humanos se levantarão, os fiéis para o gozo eterno e os malfeitores para o sofrimento que nunca cessa. A ressurreição geral realiza, amplia e completa a ressurreição do próprio Cristo: “De fato, Cristo ressuscitou dos mortos, primícia dos que adormeceram. Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Pois assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida” (1 Co 15.20-22; cf. At 4.2; 1 Ts 4.13-17, que implica o arrebatamento dos vivos aos céus no fim; 1 Pe 1.2-4). Assim, a justiça original na qual Adão e Eva foram criados e à qual deixaram de lado é restaurada por Cristo, mas ela é uma *restoratio in melius*, melhor que o paraíso original, pois agora Deus mesmo se tornou humano

(como não tinha se tornado nos dias de Adão). Dessa forma, Deus reconecta o alfa ao ômega, o começo ao fim, o paraíso de Adão e Eva ao céu de Cristo.

Esta é a nova criação, a nova cidade, os novos céu e terra, o novo cosmos, a “restauração universal” (At 3.21) que Isaías profetizou. Existe uma nova criação: “passaram-se as coisas antigas; eis que tudo se fez novo” (2 Co 5.17; cf. Ap 21.5). “Vi também descer do céu, de junto de Deus, a Cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido” (Ap 21.2; 3.12). Sim, a escatologia é um terror, mas é muito mais uma alegria e uma libertação e a mensagem escatológica do Novo Testamento é mais uma mensagem de esperança e amor do que uma mensagem de medo. O sofrimento é real, mas ele será suplantado por Cristo em felicidade universal e eterna.

O cristianismo dos três primeiros séculos lidou de duas formas com conceitos de fim dos tempos deixados a eles pelo Novo Testamento: expandindo e acrescentando detalhes a eles e usando a razão para reconciliá-los e organiza-los.

De acordo com Justino Mártir (c. 100-165), no fim os justos serão ressuscitados para participarem em uma vida de calma e abundância em uma Jerusalém restaurada por mil anos; então virá um julgamento geral de todos. Para Justino e outros cristãos primitivos, o *número* de julgamentos estava em questão. Na morte, cada pessoa passa por julgamento imediatamente? Ou o julgamento da pessoa é postergado até o Último Julgamento? Ou é confirmado no Último Julgamento? Ou são ambos os julgamentos a mesma coisa para Deus, que vê todo o tempo como um? Haverá um julgamento geral no tempo da ressurreição, ou ele será após mil anos, ou haverá dois julgamentos gerais? Em todo caso, os pais da igreja estavam todos de acordo em que o julgamento de Deus sempre permaneceria o mesmo: isto é, o julgamento que uma pessoa merece no tempo de sua morte não será mudado no Último Julgamento. Mas, argumentaram Paulino (c. 354-431) e Jerônimo (c. 345-420), visto que nenhum de nós é sem pecado (exceto Jesus e Maria) e posto que a maioria de nós possui um bom número de imperfeições, deve haver no julgamento um momento de purificação pelo fogo para aqueles que não são nem perfeitos nem amaldiçoados. Hilário de Poitiers (c. 315-368), Ambrósio (c. 339-397) e Jerônimo viam a purificação como extremamente dolorosa. Então, para evitá-la deveríamos levar uma vida tão simples e agradecida quanto possível.

Esta idéia de um momento de purgação seria expandida pelo décimo segundo século até um *tempo* de purgação, que depois se tornou conhecido como Purgatório. A purgação, apesar de ser tormento, não está conectada com o inferno, mas com o céu: qualquer um que esteja no processo de purgação está destinado ao céu.

A purgação é análoga ao tempo de testes ou tribulações que a comunidade inteira, na verdade o mundo todo, deve resistir antes do momento da salvação. Tertuliano (c. 160-225) viu na perseguição dos cristãos pelo Império Romano pagão uma realização da profecia apocalíptica das pragas, fome, guerras e perseguição. Os cristãos continuaram a ver Roma como um dos impérios malignos que os hebreus, e agora os cristãos, tinham que padecer – até que no quarto século o Império Romano se convertesse e outras nações pagãs remanescentes fossem estigmatizadas como malignas. Sulpício Severo (c. 360-430) e muitos historiadores cristãos depois dele acreditaram que haveria dez perseguições ou tribulações. Para Sulpício, o Imperador Nero era o Anticristo, ou talvez Nero governasse sob Satanás no Ocidente enquanto o Anticristo reinasse sob Satanás no Oriente. Tertuliano acreditava que o Anticristo seria um falso profeta imitando a Cristo e levando muitos para fora do caminho. Irineu (c. 130-200) declarou que o Anticristo seria um governador humano injusto na terra que encorajaria e apoiaria toda mentira e crueldade e que iludiria a muitos no pensamento de que ele é um deus; ao final ele seria destruído por Cristo, que estabeleceria um reino de harmonia, plenitude e paz. Lactâncio (c. 250-325) desenvolveu um cenário no qual o Anticristo seria um rei da Síria que reinaria por três anos e meio, depois dos quais a Última Batalha aconteceria, na qual os judeus seriam convertidos e os pagãos destruídos. Atipicamente, mas não sem precedente bíblico, Orígenes (c. 185-254) disse que o Anticristo é uma metáfora para qualquer um e para tudo que obstrui o plano de Deus para o cosmos, mas Jerônimo insistiu que o Anticristo era um indivíduo humano real, que seria um falso Messias enganando indivíduos e nações inteiras ao realizar falsos milagres e ao reconstruir o Templo. Pelo quarto século, era comum acreditar que o Anticristo era um judeu de pais humanos ou de uma mulher humana (possivelmente uma prostituta de Babilônia) com Satanás, vindo da tribo de Dan e nascido na Babilônia. Os servos do Anticristo eram perseguidores, romanos, judeus, hereges, muçulmanos (mais tarde) e todos os cristãos que se voltaram contra Deus.

A idéia apocalíptica que oferecia a maior dificuldade aos pais primitivos, e certamente ao século vinte e um, era o milênio. O milênio, sugeriram Orígenes, Jerônimo e Agostinho (354-430), deveria ser considerado metaforicamente. Havia muitos níveis de sentido na Bíblia: claro (“literal), significando objetiva, científica ou historicamente a verdade; metafórico; moral; e escatológico. O milênio poderia legitimamente ser tomado como uma metáfora escatológica. Mas nenhum destes teólogos influentes o consideraram *apenas* uma metáfora: haveria de fato um período de tempo no futuro que pudéssemos chamar um milênio. Mas este era apenas o começo da dificuldade, pois não foi resolvido se o milênio precederia a Segunda Vinda de Cristo ou se ele a sucederia; ou se o milênio acontece na terra ou no céu. Um número de pessoas (agora chamadas milenaristas), incluindo os montanistas e alguns gnósticos, enfatizavam o milênio como uma parte importante de suas teologias, mas os grandes escritores Orígenes, Jerônimo e Agostinho condenaram fazê-lo central e preferiram (como a maioria dos escritores depois deles) deixá-lo permanecer ambíguo. Eles argumentavam que o Apocalipse de João não deveria ser considerado como profetizador de pessoas e eventos históricos futuros específicos. Apesar de tudo, visões milenaristas continuariam a surgir repetidamente na Idade Média, no período moderno (com Swedenborg) e nos Estados Unidos de hoje.

Irineu, numa visão diferente de todo o catastrofismo inerente ao pensamento apocalíptico, ressaltou que Deus poderia conduzir os seres humanos gradualmente e sem agonia em direção à nossa perfeição em Deus. E Orígenes argumentou fortemente pelo que ele chamou *apokatastasis*, o eventual retorno de todos os seres humanos, animais e todo o cosmos a Deus, que o criou ao originá-lo de si mesmo e que o reabsorveria: o resultado, se catastrófico ou gradual, terminaria em glória. O Credo Niceno (quarto e quinto séculos) declara que Cristo virá em glória para julgar os vivos e os mortos, que seu reino não terá fim, que os mortos serão ressuscitados e que haverá vida na era por vir. Glória – um conceito não popular nos primeiros anos do século vinte e um – é essencial para compreender o conceito cristão do fim. Não apenas todas as coisas serão refeitas e boas; elas serão glorificadas, explodindo em amor, luz, força e alegria.

Agostinho de Hipona, o mais influente de todos os teólogos cristãos, foi o primeiro a expor uma teoria clara de tempo. Para Deus, que está fora do tempo e do espaço, todo o tempo é

único; para nós, que estamos dentro do tempo e do espaço, o tempo está se movendo inexoravelmente do começo para o fim. Agostinho argumentou que todos os humanos anteriores a Cristo tinham sido preparação para sua Encarnação e Paixão e que, agora, após a Primeira Vinda de Cristo, o presente e o futuro são uma preparação para a sua Segunda Vinda. Em seus dias juvenis e otimistas, Agostinho tomou uma posição gradualista: todo o propósito do tempo desde Cristo é conduzir mais e mais pessoas à verdade, de maneira que Cristo possa vir novamente quando o mundo estiver preparado para ele. Nesta concepção gradualista, o fim do mundo, embora de fato ocorra, é menos importante que o presente. Como não temos, na própria demonstração de Cristo, nenhuma idéia de quando ele virá outra vez, não faz sentido insistir extensivamente no fim dos tempos. O que é importante é a luta entre o que Agostinho notoriamente chamou “As Duas Cidades”, análogas aos dois reinos – o de Deus e o de Satanás. A Cidade de Deus, a cidade celestial, tem como seus cidadãos os anjos bons e os santos – os fiéis do passado, do presente e do futuro. A outra cidade é a Cidade de Satanás, daqueles anjos e pessoas que praticam o mal. No presente, os cidadãos de cada Cidade são conhecidos apenas por Deus, pois as sociedades terrenas – incluindo a Igreja – que observamos de nossa perspectiva humana, limitada ao tempo, são misturas de bem e de mal. O final dos tempos será apenas isso – o fim do tempo – e o que é eternamente patente a Deus será revelado. Agostinho, novamente insistindo em que não podemos conhecer como e quando o fim virá, acreditou (*A Cidade de Deus* 20.30), contudo, que haverá sinais discerníveis do Dia: o profeta Elias retornará para a terra, todos os judeus serão convertidos, o Anticristo chegará e perseguirá a Cidade de Deus, Deus separará os bons dos maus, o mundo mal será destruído e recriado perfeito. Agostinho rejeitou a visão milenarista de que existiria um reino de paz e felicidade de mil anos na terra. Na verdade, como ele envelheceu e testemunhou o colapso do Império Romano cristão, ele recuou de suas concepções otimistas e progressivas, mas sempre acreditou que o fim dos tempos culminaria em alegria e felicidade eternas. Então, nós que estamos vivendo no tempo deveríamos agir diariamente como cidadãos da Cidade de Deus, amando a Deus e ao próximo, fiéis a Cristo e fazendo suas obras no mundo, ansiando pela consumação do tempo na paz eterna e justiça do novo mundo, o reino do céu que Jesus promete.

A cosmovisão de um monge sírio anônimo do sexto século escrevendo sob o pseudônimo de Dionísio Areopagita, aquele a quem Paulo converteu em Atenas, tornou-se imensamente

influyente no pensamento tardio, em Tomás de Aquino, Dante e nas tradições místicas tanto da igreja oriental como da igreja ocidental. Dionísio (c. 500), como Orígenes, tinha uma visão muito otimista. No começo, Deus criou o mundo do nada. Este “nada” não era apenas algo separado de Deus, nenhum *caos* que Deus tinha que trazer para a ordem, pois não poderia existir nada à parte de Deus. A afirmação de que Deus criou mundo do nada não significa que Deus o tenha criado de algo chamado “nada”. O nada quer dizer absolutamente *nenhuma coisa*. Tudo está em Deus, então Deus criou o mundo de si mesmo. Deus cria o universo com seu amor transbordante, para o qual Dionísio usou a palavra *eros* (um termo ausente do Novo Testamento). O *eros* de Deus pelo cosmos é contínuo e, assim, eventualmente, no fim, Deus recuará o cosmos para o interior de si mesmo. O fim dos tempos, então, é um tempo jubiloso quando o cosmos inteiro, purificado e glorificado, retorna para Deus.

Na Idade Média a principal questão era como este mundo poderia ser adequado mais estritamente à Cidade de Deus e se de fato isso era mesmo possível. Não havia dúvida de que Cristo era o governante, mas era calorosamente debatido quem tinha a autoridade na terra sob ele. A questão da autoridade apropriada era prazerosamente mesclada com questões de poder pragmático, como quando papas, bispos, imperadores, reis e vozes proféticas competiram por autoridade. O ponto alto da controvérsia chegou do décimo primeiro para o décimo terceiro século. Em 1073, o monge Hildebrando se tornou o Papa Gregório VII e lançou uma campanha para reformar a sociedade nos moldes da Cidade de Deus. A reforma se centralizava primeiro em substituir ou educar o clero iletrado e depois em remover o clero corrupto. Mas nenhuma divisão entre “igreja e estado” poderia existir na Cidade de Deus. Os conceitos de “igreja e estado” e sua separação é puramente moderno. No mundo antigo, religião e estado eram uma entidade. Na mente medieval havia uma Sociedade Cristã, que tinha que ser regida por quem quer que tivesse a autoridade vinda de Cristo. Gregório VII e seus sucessores acreditavam que para Cristo eles eram os responsáveis por toda a sociedade, de maneira que a reforma poderia não estar limitada a assuntos estritamente eclesiásticos: tudo da sociedade devia estar sujeito ao vigário de Cristo na terra. Reivindicações papais para tal autoridade tinham sido disputadas anteriormente por bispos, regentes seculares e concílios da igreja, mas por dois séculos e meio o papado

combinou uma forte reivindicação para legitimar autoridade com uma quantidade considerável de poder pragmático.

Corrupção, ignorância e falsidade tinham que ser afastadas para se estabelecer a *Iustitia*, “justiça”, definida como aquele estado de sociedade mais estritamente congruente com a Cidade de Deus. O papa reclamou a autoridade para assegurar que justiça fosse feita por toda a sociedade. Isso significava a reforma ou remoção de poderes seculares que não se conformavam à justiça (a raiz medieval da moderna convicção de que o povo pode, e deveria, desobedecer a um governante injusto). Era fácil consignar a função de anticristo para aqueles que se opunham ao movimento de reforma; nos tempos antigos tinham sido Herodes ou Nero, agora era Mohammad, Saladin e uma variedade de imperadores alegadamente maus, tais como Henrique IV e Frederico II. Igualmente, os inimigos do papa, assim como o Santo Imperador Romano, acusaram uma variedade de papas (Bonifácio VIII e Benedito XI, por exemplo) de serem anticristos. Que a luta não era de igreja e estado, mas de autoridade sobre toda a sociedade cristã está mais claro na disputa entre Gregório VII e Henrique IV, quando o imperador tinha seu próprio papa e bispos e Gregório tinha seu próprio imperador e príncipes. Em contraste, Henrique IV, Frederico I e Luis VII foram considerados por partidos imperiais e reais como líderes apropriados da sociedade cristã.

O movimento de reforma significou a imposição da crença certa, bem como da prática correta. A Cidade de Deus e suas autoridades análogas na terra tinham a responsabilidade de educar, reformar e, se necessário, combater idéias que obstruíam o caminho do Reino de Deus. Isso significava judeus, muçulmanos e hereges: já no oitavo século, Beato de Liébana identificou Mohammad como o anticristo, uma idéia que persistiu pelo tempo da Reforma Protestante e além dela. Os judeus, que tinham vivido em considerável paz com seus vizinhos cristãos antes do século oitavo, agora se encontravam sob intensa pressão para se converterem, partirem ou enfrentarem algumas severas penalidades. A antiga idéia de que o Anticristo é um judeu estava revivida: ele nasce de uma repulsiva união entre Satanás e uma meretriz judia da Tribo de Dan.

Os muçulmanos foram submetidos a cruzadas concebidas para recapturar algumas das terras cristãs que eles tinham conquistado séculos mais cedo e para destruir o anticristo

Mohammad. Os hereges foram sujeitados especialmente a exames detalhados e a processos fechados. A definição de um herege mudava e se expandia na medida em que o movimento de reforma progredia, até que não apenas heresias não-cristãs de forma demonstrável, tais como o catarismo, foram incluídas, mas também qualquer movimento que impedia a reforma ou outra reforma avançada demasiado independente. Hereges e apóstatas estavam então propensos a serem identificados como anticristos, bem como judeus e muçulmanos.

Uma sociedade cristã baseada no modelo da Cidade de Deus era um nobre ideal que produziu grande bem, mas está claro do supracitado que ele acabou em grandes males (como movimentos tendem a acabar por toda a história humana). A crescente intensidade da oposição na luta significava que quem quer que reivindicasse ser o próximo *iustitia* poderia afirmar que o outro lado estava servindo ao Diabo. Do ponto de vista da Reforma, o papado, governantes seculares, o clero e bispos desobedientes e hereges eram servos de Satanás; do ponto de vista dos monarquistas, imperialistas e muitos bispos, eram os papas da reforma que eram os injustos. Do ponto de vista dos papas, os hereges eram maus; do ponto de vista dos hereges os papas eram maus. A linguagem de posição se tornou violenta: metáforas de decadência, corrupção, infecção, depravação, lepra, perversão e seus assemelhados eram atiradas de todas as direções e a linguagem desta ideologia de dualismo freqüentemente levava a batalhas, execuções, massacres e torturas.

Entre os hereges condenados estava uma variedade de milenaristas. Embora Agostinho, Jerônimo e o Papa Gregório I, o Grande (c. 540-604) tivessem todos rejeitado o milenarismo de forma decisiva, este permaneceu uma influência oculta quase invisível na Igreja até décimo segundo e décimo terceiro séculos, quando Joaquim de Fiore (c. 1135-1202) e outros milenaristas floresceram. O renascimento do milenarismo acordou principalmente de um desencanto compreensível provocado pelas lutas sobre autoridade na sociedade cristã; os milenaristas acreditavam que a sociedade não era de modo algum perfectível e que apenas a sua completa destruição e substituição no fim dos tempos poderia trazer paz e justiça no Reino de Deus a ser estabelecido. Além do milenarismo, a literatura medieval apresenta muitos trabalhos de literatura e arte, tais como o *Christ and Satan* do antigo inglês e as peças populares na Inglaterra, Alemanha e França (como o *Jour du jugement* do décimo quarto século), retratando a luta vitoriosa de Cristo contra o Diabo e o Anticristo. Nas peças e

outras literaturas populares, o Diabo e os demônios aparecem como bobos ridículos, incautos e palhaços, um motivo projetado para suavizar o sombrio terror de suas atividades incessantes sobre a terra (como especulação, sugiro que esta escuridão pode ter sido o resultado do fato de que no século sétimo os muçulmanos conquistaram dos cristãos as terras ensolaradas do sul do Mediterrâneo, movendo o centro do cristianismo da África e Ásia para as escuras e deprimentes terras da Europa).

A grande riqueza de intelecto nos séculos treze e quatorze é mais bem representada por Tomás de Aquino (1225-1274) e Dante Alighieri (1265-1321). Aquino tentou estabelecer uma teologia cristã pura e acabada baseada na revelação e na razão. Ele desenhou linhas claras entre verdadeira doutrina e falsa doutrina, mas nunca esteve pronto a condenar qualquer pessoa como má. Aquino e outros teólogos escolásticos discursaram sobre muitos dos problemas permanentes da salvação. O céu era percebido como aqui, agora e depois, com os últimos dias culminando no processo de conformação ao Reino de Deus. Quem quer que escolha a Deus está no céu; quem quer que escolha a si mesmo ao invés de Deus está no inferno. Aqueles que estão no céu vêem Deus face a face na Visão Bendita, como estabelecido por Benedito XII (r. 1334-1342). Os hereges não poderiam ganhar nenhum conforto da teologia escolástica, mas os incrédulos poderiam. Está claro do Novo Testamento que ninguém é salvo exceto através de Jesus Cristo. Mas isto teve que ser interpretado de um modo geral. Em primeiro lugar, claramente os patriarcas e profetas hebreus estão no céu, embora tenham vivido antes da instituição do batismo. Bons pagãos – aqueles que crêem em outras religiões e que as praticaram fielmente pelo bem – também serão salvos por uma revelação de Jesus Cristo a eles em seus últimos momentos ou pela simples ação da misericórdia divina. Como Agostinho tinha dito anteriormente, quando em dúvida alguém deveria aceitar a interpretação mais caridosa. De certo, se vê de forma vasta em obras-de-arte e literatura menos judeus, muçulmanos e pagãos no inferno do que cristãos falsos e maus.

A maior obra literária sobre as últimas coisas é, claro, a *Divina Commedia* de Dante. Ainda que *Inferno* sempre tenha sido a *cantica* mais popular da *Commedia* por causa de suas representações em tons assustadoramente variados das agonias do inferno, no *Purgatorio* todas as almas estão ligadas ao céu e o *Paradiso* é a representação mais gloriosa do céu jamais desenhada. De fato,

Paradiso começa com as palavras “La gloria”, significando a luz, o poder, o amor, a bondade, a misericórdia, a harmonia, a justiça, a beleza, o riso e a alegria que Deus irradia através de todo o cosmos a tudo o que ele fez (exceto para aqueles anjos e seres humanos que por sua própria escolha se excluíram dessa glória). Deus ama a tudo; sua glória penetra e se difunde por todo o cosmos e o cosmos a reflete de volta: *Io credo in uno Dio solo ed eterno, che tutto 'l ciel move, non moto, con amore e con desio* (24.130-132). Todo o paraíso canta:

*Al padre, al Figlio, a lo Spirito Santo,
Cominciò, “gloria!” tutto 'l paradiso,
Si che m'inebriava il dolce canto.
Ciò ch'io vedeva mi sembiava un riso
De l'universo; per che mia ebbrezza
Intrava per l'udire e per lo viso.
Oh gioia! Oh ineffabile allegrezza!
Oh vita intègra d'amore e di pace!
Oh sanza brama sicura ricchezza!* (27.1-9)

Finalmente, Dante olha diretamente para Deus, o Primeiro Amor, na Visão Bendita, *quant' è possibil per lo suo fulgore* (32.142-144) e, de maneira incrível, ele mesmo se dirige a Deus diretamente:

*O luce eterna che sola in te sidi,
Sola t'indendi, e da te intelletta
E intendente te ami e arridi* (33.124-126).

Assim, no final, o medo e a dor dos últimos dias são dissolvidos para sempre na glória infinita de Cristo.

A Reforma Protestante derivou a maioria da sua teologia da teologia medieval, especialmente a forma como relata o fim dos tempos. Os luteranos tendiam a desaprovarem o curso que o mundo estava tomando. Eles viam que, por um lado, os turcos tinham sobrepujado o cristianismo bizantino e estavam se aproximando da Europa Central, ameaçando até mesmo

o Santo Império Romano; por outro lado, o papa anticristo dominava a Europa. O grau de esperança e medo é sempre grande quando a Igreja se sente mais ameaçada. Não é um jogo de soma zero entre esperança e medo no qual, enquanto a esperança ganha, o medo declina e, enquanto o medo ganha, a esperança declina. Antes, é um aumento ou uma diminuição de intensidade nos dois juntos. Lutero acreditava que o mundo estava se tornando tão medonho que ele, conseqüentemente, devia estar se aproximando do seu fim. Nosso sofrimento tem especial significado *porque* estamos no fim dos tempos e, por causa deste sofrimento, o fim era para ser esperado com entusiasmo. Os calvinistas tendiam a ser mais otimistas, crendo que a Igreja poderia ser salva por uma rigorosa reforma e restauração da pureza bíblica e moral. Alguns Reformadores Radicais, especialmente entre os anabatistas, continuaram a especulação milenarista esperando por um reinado de mil anos dos santos na terra. As guerras religiosas entre católicos e protestantes (ao mesmo tempo em que os turcos ameaçavam sempre mais intensamente) auxiliaram as especulações milenaristas e os anticristos poderiam ser encontrados em qualquer lugar.

O cristianismo católico sempre recepcionou uma diversidade de visões, mas especialmente entre os séculos onze e quinze, limitou as fronteiras da ortodoxia. A rejeição protestante da autoridade papal e sua restauração da Bíblia (como eles a interpretavam) como autoridade abriram as portas para uma grande variedade de concepções do fim dos tempos. No moderno protestantismo de tendência dominante – luterano, reformado e anglicano – houve um declínio de interesse geral, senão pronunciado, no fim dos tempos. O progressivismo do esclarecimento teve uma grande influência sobre os cristãos nos séculos dezoito e dezenove. Muitos acreditavam que Deus está nos guiando gradativamente para o Reino, que virá apenas quando este progresso estiver completo. Esta concepção, às vezes chamada “pós-milenarismo”, supunha a gradual conversão de povos por todo o mundo ao cristianismo racionalista; apenas uns poucos povos realmente seriam amaldiçoados.

Este protestantismo liberal, progressivo, floresceu em um mundo que, pelo século entre 1815 e 1914, foi poupado de terríveis tribulações (exceto pela Guerra Civil nos EUA) e era fácil expedir prognósticos de um fim medonho. Em 1909, foi possível dar crédito à idéia de que a vinda de Cristo “não é um evento, ela é um processo que inclui inumeráveis eventos, um perpétuo avanço de Cristo na atividade do seu reino... Nenhum retorno visível de Cristo

à terra deve ser esperado, mas antes o longo e estável avanço de seu reino espiritual”³. O reino de Deus não é para ser aguardado, mas antes ser criado aqui na terra e concretizado por bons trabalhos sociais. Esta é a base do movimento conhecido como Evangelho Social. Na verdade, talvez não exista fim nenhum, mas aprimoramento contínuo. Cristo poderia ser visto como um homem de negócios ou como um sindicalista mais de bom grado do que como um rei glorioso.

Começando em torno da virada do século vinte e reforçado pela terrível experiência da Grande Guerra e da praga que se seguiu a ela, houve um afastamento marcado deste progressivismo. No lado teológico, a neo-ortodoxia apresentada por Karl Barth (1886-1968) e sua escola demandou um retorno às raízes bíblicas e teológicas e uma avaliação saudável de que o mal ainda era poderoso e não iria embora fácil e confortavelmente. De forma similar, as concepções escatológicas de Rudolf Bultmann (1884-1976) e sua escola enfatizavam que cada momento estava escatologicamente sob julgamento. A neo-ortodoxia e a escatologia foram dominantes dos anos de 1930 aos anos de 1960, quando foram substituídas por um tempo pelo otimismo pós-milenial. Desde os anos de 1970, tem havido um vasto *revival* do “pré-milenarismo”, a tradicional idéia de fim dos tempos baseada na Bíblia e muitas vezes bordada de forma pesada. O terrificante estado do mundo sob crescente ameaça de guerra nuclear, fome e praga apoiou o ressurgimento de idéias milenaristas. A mais importante e duradoura rebelião contra o progressivismo liberal foi o evangelicalismo, que considerou a tradição liberal como cristianismo decaído e se enraizou firmemente na Bíblia. Os evangélicos observaram que muito pouco no mundo do século vinte – e do século vinte e um – sustenta a concepção afirmada em 1909 de maneira tão confiante. A teologia da libertação, um amálgama de catolicismo e marxismo que emergiu na América Latina nos anos de 1960, proclamava que o fim viria quando a opressão dos pobres pelos ricos cessasse para sempre.

Mas um estranho desenvolvimento ocorreu no mundo secular nos séculos dezenove e vinte. Por um lado, filósofos seculares estavam inclinados a apoiar uma visão progressiva da sociedade; por outro lado, eles viam enormes obstáculos ao progresso. Como um resultado,

³ CLARKE, William Newton. *Outline of Christian theology*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1909, pp. 444-446.

eles formaram uma variedade de ideologias seculares baseadas em um estranho casamento entre progresso e milenarismo. Utopias poderiam ser alcançadas apenas pela tribulação. Para Marx e Lênin, o bem, a sociedade sem classes, poderia ser formado apenas quando a besta teimosa do capitalismo tivesse sido sujeitada; quando o processo do comunismo estiver completo, não haverá mais história. Mao Zedong e Josef Stalin, ambos consideraram suas visões da perfeita sociedade porvir dignas do sacrifício de dezenas de milhões de vidas. Hitler, um outro milenarista secular, declarou que o obstáculo era a conspiração dos judeus, capitalistas e comunistas e que, quando eles fossem destruídos, seu Terceiro Reich duraria mil anos. Entre outros seculatistas as crenças de que forças estranhas estavam em ação prevaleciam: extraterrestres desceriam para nos salvar – ou para nos destruir – ou ambos, como no *2001* de Stanley Kubrick (1968); ou talvez velhos deuses retornarão; ou a mágica restaurará a terra; ou quem sabe antigos sábios e guerreiros possam ser canalizados por um ser humano vivente, ou... a lista é infinita. Todas estas idéias parecem brotar da percepção de que estamos em uma terrível situação e que apenas algo sobrenatural pode nos ajudar a sair dela (*The Day the Earth Stood Still*, 1951). Agora que os seres humanos têm, como Satanás, tentado arrancar de Deus a habilidade para destruir a nós mesmos com armas de destruição em massa, parecem existir poucas razões no presente para o final feliz da raça humana ou do próprio planeta.

O evangelicalismo é de longe a mais influente variedade de protestantismo no mundo hoje. Enquanto congregações e denominações liberais se dissolvem, as conservadoras prosperam. O retorno à Bíblia confere um retorno aos muitos fundamentos da apocalíptica. O Evangelho Quadrangular, as Testemunhas de Jeová e os pentecostais estão entre os movimentos com uma pronunciada propensão apocalíptica e milenarista. Há uma considerável variação, mas os seguidores dão a descrição geral: o fim está perto. Os sinais dos últimos dias estão manifestos em eventos contemporâneos. O mal humano e o natural, ambos aumentarão até alcançarem seu cimo na Grande Tribulação. Neste momento, antes da Tribulação, entretanto, Cristo recolherá seus seguidores da terra para o céu, onde eles se juntarão aos santos (aqueles que já morreram em Cristo). A Tribulação durará sete anos, durante os quais o Anticristo governará a Terra. Então Cristo retorna com seus santos e todas as hostes celestiais; eles derrotam o Anticristo na batalha do Armagedom. Cristo então reina por mil anos. No fim desses mil anos vem o Último Julgamento. O Anticristo

reaparece em um último esforço desesperado para frustrar o inevitável, mas ele é vencido novamente e seu tempo destruído no fogo eterno. Agora o tempo cessa e o eterno Reino de Deus, o Novo Céu e a Nova Terra, a Nova Jerusalém, é regido por Cristo em justiça e retidão para sempre. Os malfeitores serão convertidos ou destruídos. A história termina.

Embora tradicionalmente o cristianismo sustentasse razão e caridade, juntamente com fé e esperança, como valores talvez mais altos que a demanda por conversão ou morte, mesmo assim os cristãos freqüentemente têm visto um o outro como anticristos; e os cristãos muitas vezes têm percebido judeus, muçulmanos e pagãos como anticristos. Se o Anticristo está guiando um bando de demônios e malfeitores humanos em um poderoso esforço para frustrar e evitar o Reino de Deus, conseqüentemente existe uma conspiração da qual o Anticristo é o cabeça. Então judeus, hereges e pagãos não estão simplesmente errados; eles estão – conscientemente ou não – no exército do Anticristo, que deve ser despedido e destruído antes que o Reino possa ser estabelecido.

Os cristãos não têm monopólio sobre as teorias conspiratórias. Quaisquer que sejam as origens evolucionárias de tais teorias – tribalismo, por exemplo –, elas parecem ser um aspecto permanente da natureza humana. Os judeus vêem seu Exílio como o resultado de maquinações de impérios, estados e religiões malignas. Os islamitas temem e odeiam uma grande conspiração cruzada sionista para destruir o islã. Os comunistas temem os capitalistas e os capitalistas temem os comunistas. A Esquerda teme a Direita e a Direita a Esquerda. Os fundamentalistas temem os evolucionistas e os evolucionistas temem os fundamentalistas. Os fisicalistas temem uma enorme exibição de visões transcendentais que supere o fisicalismo. Feministas temem uma imensa conspiração de homens patriarcais, enquanto os homens temem a castração social por feministas. A senadora dos EUA Hillary Clinton teme uma Grande Conspiração dos Conservadores e George W. Bush teme o Eixo do Mal⁴. Os sunitas temem os xiitas (Shi'a) e os xiitas aos sunitas. E sem falar nas hostilidades raciais que atormentam a humanidade por todo lugar. É claro que nem todas as conspirações são imaginárias; muitas realmente existem. Mas é um grande erro da humanidade que estejamos

⁴ A expressão *Eixo do Mal* foi utilizada pelo presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, em seu discurso do Estado da União em 29 de janeiro de 2002 para descrever o que denominou “regimes que apóiam ao terror”. Os estados-nação que Bush mencionou em seu discurso foram Iraque, Irã e Coréia do Norte, aos quais posteriormente se agregaram Líbia, Síria, Zimbábue, Bielorrússia e Cuba (nota da tradutora).

tão avidamente prontos a acreditar nelas e, muito pior, a agir de acordo com nosso medo do “outro” em intermináveis espirais de intensa violência.

Visto que as nações continuam a odiar furiosamente uma a outra, o fim pode de fato estar perto. Isso pode ou não ser verdade para a humanidade como um todo, mas é inquestionavelmente verdade para cada um de nós. Esperança e medo são inevitáveis e uma grande esperança é a de que conspirações e medo de conspirações possam desaparecer. Aproximando-se nosso fim, que não queiramos nenhum dia para ser desperdiçado sem amor e gratidão.

NOTA BIBLIOGRÁFICA

The Encyclopedia of Apocalypticism, editada por John J. Collins, Bernard McGinn e Stephen J. Stein (New York: Continuum, 1998), fornece um grande número de excelentes artigos. Livros recentes úteis incluem ASSMANN, Jan. *Tod und Jenseits im alten Aegypten*, traduzido como *Death and salvation in Ancient Egypt*. Ithaca: Cornell University Press, 2005; BRYAN, Steven M. *Jesus and Israel's traditions of judgement and restoration*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002; COLLINS, Adela Yarbro. *Cosmology and eschatology in Jewish and Christian apocalypticism*. Leiden: Brill, 2000; GOWAN, Donald E. *Eschatology in the Old Testament*. Edinburgh: T. & T. Clark, 2000; HILL, Charles E. *Regnum caelorum: patterns of millennial thought in Early Christianity*. 2 ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2001; KELLY, Anthony. *Eschatology and hope*. Maryknoll: Orbis, 2006; LA DUE, William J. *The trinity guide to eschatology*. New York: Continuum, 2004; LAPHAM, Lewis H. (ed.). *The end of the world*. New York: History Book Club, 1997; PITRE, Bryant James. *Jesus, the tribulation, and the end of the exile: restoration eschatology and the origin of the atonement*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005; POLKINGHORNE, John C. *The God of hope and the end of the world*. New Haven: Yale University Press, 2002; RUSSELL, Jeffrey Burton. *A history of heaven*. Princeton: Princeton University Press, 1997.